

A fria concretude de Baltasar Gracián: Um jesuíta do século XVII fascinado pelo pensamento¹

Hans Ulrich Gumbrecht*

Tradução de Greicy Pinto Bellin** e Celia Regina Celli**

Werner Krauss, que faleceu em 1976 em Berlim Oriental como um “cientista do povo” altamente honrado, foi um dos poucos intelectuais de um país socialista cujo trabalho ganhou notoriedade internacional sem entrar em tensão com seu respectivo partido político. Ele é acertadamente considerado um dos maiores hispanistas do século passado. Mas, como o filho de uma família de classe média de Stuttgart, amigo de boêmios surrealistas de Madri depois de 1920 e assistente em Marburg do grande estudioso judeu Erich Auerbach, poderia Krauss se tornar um membro respeitado e excêntrico de um comitê central comunista? No início da guerra, ele foi transferido para uma companhia de tradutores em Berlim, mas no final de 1942 foi preso por atividades de propaganda antinazista e condenado à morte. No corredor da morte de Plötzensee e após a decapitação de sua amante Ursula Götze, ele escreveu um livro que ainda é válido e, ao mesmo tempo, empolgante sobre a obra do jesuíta espanhol Baltasar Gracián, escrita por volta de meados do século XVII.

Krauss sobreviveu à guerra porque colegas proeminentes (alguns dos quais eram próximos aos nazistas) conseguiram a conversão da primeira

¹ Tradução do ensaio “Ein Mann der Kalten Konkretheit: Gracián war im 17”, publicado no periódico suíço *Neuer Zürcher Zeitung* em maio de 2020

* Stanford University

* UNIANDRADE

** UNIANDRADE

Submetido em 06/09/21

Aceito em 17/10/22

sentença em prisão. O engajamento existencial na resistência tornou-se uma posição política quando se juntou ao Partido Comunista em 1945. Mesmo antes da divisão da Alemanha e sua opção pela República Democrática Alemã, Krauss publicou o manuscrito *Gracián em Frankfurt* em 1947. “Esta obra foi escrita em 1943 em circunstâncias especiais”, dizia laconicamente o prefácio, “a literatura secundária não era acessível. Se uma mudança fundamental não foi feita após a libertação, isto se deve à opinião de que uma apresentação da doutrina da vida de Gracián pudesse merecer interesse geral”. Qual interesse exatamente e quais leitores Krauss e seu editor Vittorio Klostermann esperavam? E, acima de tudo: como pensar que Gracián o manteve vivo em Plötzensee?

As reflexões de Krauss sobre essas questões não faziam parte do panorama do que se poderia esperar de um comunista da época. Ele atribuiu o pensamento de Gracián às atitudes "aristocráticas" do início do período moderno e à convicção de que "no campo psicológico todas as descobertas frutíferas não resultam da rejeição de todo o conhecimento tradicional, mas de seu poder corajosamente coletado para definir novos objetivos". A notável história da recepção de Gracián, que biograficamente sempre foi uma figura de contornos débeis, dificilmente conduziu à proximidade das tradições comunistas proletárias. Seus textos, os quais estavam entre as leituras favoritas de monarcas absolutistas, foram, em sua maioria, descartados no Iluminismo por causa de seu distanciamento da moralidade humana geral (não era incomum falar da “frieza” de Gracián) e só encontraram leitores entusiasmados novamente no século XIX, como, por exemplo, Schopenhauer. A tradução da coleção de aforismos sob o título “Handorakel” manteve-se relevante até hoje, sendo que, segundo Nietzsche, “até então não existia nada que pudesse ser comparado à sabedoria e prudência de Gracián em experiência de vida”.

Essa linha "intelectual aristocrática", no entanto, para usar o surpreendente predicado de Krauss, não pode explicar por que a venda da tradução de Schopenhauer, publicada pela primeira vez em 1862, atingiu centenas de milhares de exemplares ao longo do tempo, e por que uma nova tradução inglesa, menos de trinta anos atrás, do “Oráculo Manual” liderou a lista dos mais vendidos do *New York Times* por várias semanas. Esta resposta ao presente é ainda mais intrigante porque Gracián de forma alguma desempenhou um papel marginal em sua ordem na Contrarreforma, mas foi

uma das autoridades teológicas e um dos mais famosos pregadores da Ortodoxia a partir de seu pensamento da substância. Mesmo a imagem hierárquica da sociedade em que se basearam suas reflexões, com sua crença no efeito ativo da “felicidade” individual, quer nos parecer bastante ingênua nos dias de hoje. E finalmente Krauss tinha razão quando disse que a prosa de Gracián “estava diante de uma filosofia à qual a Espanha não mais pertencia”, ou seja: que o pensamento de Gracián ficava aquém do nível elementar da abstração moderna.

Do ponto de vista histórico, todas essas aparentes contradições à continuidade da recepção de Gracián podem ser resolvidas. Isso também torna plausível a mais surpreendente de todas as experiências do jesuíta, ou seja, como seu pensamento complexo e sua complicada prosa (apenas algumas frases são reveladas na primeira tentativa) foram capazes de encontrar e inspirar leitores repetidas vezes sem quaisquer comentários ou motivações explícitas. Primeiro: o teólogo Gracián argumentou de forma consistente e exclusivamente em um nível secular. Ao fazer isso, ele seguiu a “regra mestra” de seu fundador Ignácio de Loyola, que foi citada várias vezes: “Você deve usar os meios humanos como se não existissem os divinos”. Esta frase é um sintoma da autoconfiança de uma fé dos primeiros tempos modernos (como a fé de Blaise Pascal), que, por um lado, não contava mais com respostas diretas e intuições de um deus distante, mas, por outro, estava mais convencida do que nunca de que o pensamento humano-racional sempre confirmava as premissas teológicas no final.

Em segundo lugar, Gracián não costumava pensar e escrever em alinhamento com dogmas imóveis, mas a partir de uma perspectiva inicial da subjetividade, que ele marcou na primeira frase do “Oráculo Manual” com o termo “persona”: “Tudo já está em pleno desenvolvimento, e o ser-pessoa no mais alto grau. Hoje se demanda mais para lidar com uma pessoa do que antes com um povo inteiro”. O surgimento da posição “persona” teve a ver com a dissolução de uma sociedade hierárquica originalmente elementar (o império espanhol estava na verdade em um estágio de decadência que avançava rapidamente), em que as regras e instituições não podiam mais ser invocadas: “O caminho certo a seguir acabou. As obrigações não são mais válidas, existem poucos relacionamentos bons”. Em condições tão precárias, a tarefa era encontrar soluções práticas para problemas individuais. É precisamente a partir daí que o homem cresceu como pessoa

e encontrou a sua prova: "O desafio tornou-se uma oportunidade que transformou muitos em pessoas, assim como o afogamento é capaz de criar os nadadores".

Em última análise, a convergência particular entre o foco nas situações individuais e uma forma de pensar que permaneceu focada no mundo cotidiano resultou em uma concretude que constitui principalmente o fascínio particular do pensamento de Gracián, sendo que Maquiavel, outro escritor "frio" do início do período moderno, é bastante similar ao seu estilo intelectual. Deve ter sido o apego a esta concretude – uma concretude dinâmica como unidade de substância e singularidade de pensamento, quase nunca atingindo soluções gerais e, mesmo assim, não desistindo da pretensão de ser racional – que manteve Werner Krauss vivo após a condenação à morte.

Para nós, leitores atuais, os textos de Gracián fornecem movimentos de pensamento concretos que, por um lado, dificilmente podemos implementar e que, por outro, ativam nosso próprio pensamento para além do próprio Gracián. Seus argumentos nunca se unem em princípios estáveis, mas deixam a silhueta de uma forma de personalidade que nos atrai como uma contra figura ao *zeitgeist* dominante. Em vez de sublinhar a exigência de transparência absoluta de nosso mundo com suas inflações identitárias e terapêuticas, Gracián usa a ocultação de si como uma vantagem estratégica: "Jogar com cartas abertas não é útil nem agradável". Em vez de olhar para outras pessoas ou mesmo de contar com as instituições do Estado, devemos "ter o cuidado de estabelecer obrigações com elas". Antes de tudo as leituras de Gracián questionam o privilégio dado ao suposto "ser autêntico" sobre a "mera aparência" – desde o Iluminismo progressivamente banalizado ao favorecer o duplo valor da aparência, tanto concreta quanto singular: "As coisas não contam segundo o seu ser, mas sim segundo a sua aparência. Ter valor e saber manifestá-lo vale o dobro; o que não é visto é como se não fosse". No mundo cotidiano de nosso presente, que elevou a distância do estresse e do relaxamento a absolutas máximas existenciais, esse elogio sóbrio e determinado da aparência pensada torna-se uma provocação de tirar o fôlego.

O potencial intelectual dos textos de Gracián é geralmente subestimado por aqueles que se deixam seduzir por suas formas predominantemente aforísticas, percebendo-as como uma coleção de

conselhos de “autoajuda”. Contra esse mal-entendido, os impulsos individuais e movimentos de pensamento devem ser lidos em sua diversidade concreta, que frustrou todas as abordagens de generalização. Os especiais “fogos de artifício” (como Krauss o chamou) do estilo de escrita - também concreto - de Gracián foram discutidos por seus contemporâneos sob o nome de “Conceptismo” e com o termo “agudeza”. Para ele, configurações de conceitos e pensamentos faziam parte da substância formada do mundo (que ele chamou de “nitidez”), como se nela devessem se reunir como corpos celestes em uma constelação. Tal espacialidade sugere, contrariando nossas próprias convenções para a criação de sentido, tomar Gracián ao pé da letra quando escreve sobre a “profundidade” do corpo como espaço de pensamento: “Um seio sem segredos é uma carta aberta. Onde há profundidade, há segredos profundos, porque há espaços e protuberâncias onde afundam coisas importantes”.

Quanto mais sustentavelmente se estabelecia um clima operante de uma “humanidade” geral na vida cotidiana global ocidental ao longo do século passado, mais claramente a concretude fria do pensamento e da escrita de Baltasar Gracián emergiu como a alternativa que Schopenhauer e Nietzsche já haviam valorizado. Nos próximos meses, essa concretude fria deve mudar do status de uma alternativa para o status de uma necessidade. Porque cada vez mais surgirá a questão específica de quem tem permissão para sobreviver tanto econômica quanto biologicamente.